



REVISTA  
SENTIDOS  
DA CULTURA

## EMBARQUEMOS NO TREM COM LINDANOR

Josebel Akel Fares

Paulo Nunes

Esta edição da Sentidos da Cultura – como adentrar uma Maria Fumaça de recordações – foi tramada para diluir as injustiças em torno da recepção crítica de Lindanor Celina, uma mulher à frente de seu tempo, e, talvez por isto, escritora literariamente incompreendida, graças às suas atitudes arrojadas como mulher, pessoa atuante nos meios universitários, teatrais e literários. A cidade que viu nascer a escritora de Menina que vem de Itaiara (segundo bem observava José Arthur Bogéa, Itaiara seria traduzida como “pedra encantada de Iara”) era uma Belém provinciana e demarcada pelo patriarcalismo, daí porque não foi fácil “perdoar” uma Lindanor que ousou, muitas vezes, e por ousar ultrapassar o *métron* de uma sociedade tacanha.

Este número da revista compõe-se de artigos, resenhas, ensaios. Multifacetada, mas tratando de diversos aspectos, sob diversos ângulos e considerações teóricas, os textos aqui contemplados dão um painel bastante amplo,

embora inesgotável, da produção literária da autora de *Breve Sempre*.

E o primeiro dos textos é de autoria de Gutemberg Guerra, professor da UFPA, memorialista, cronista dos melhores no Pará contemporâneo (embora nascido em São Salvador da Bahia), que discorre sobre a enunciação “da obra literária de Lindanor Celina, a partir de sua vivência pessoal, amigo e conviva que foi da escritora, experiência que criacional ela “explicitava, assim como na consulta aos seus livros, em particular “Menina que vem de Itaiara”, marco de lançamento de sua carreira literária, “Breve sempre”, “Diário da Ilha”, “Eram seis assinalados” e em trechos de “Pranto por Dalcídio Jurandir”, em que ela declara aspectos substanciais da sua elaboração romanesca e cronística”. Vemos no estudo de Guerra o embate entre o amigo e o cientista social, que, salvo, engano, vence os interstícios da intimidade e ajuda-nos a conhecer melhor a mestre que ensina seus procedimentos de criação.

O próximo texto, denso, é de autoria de Carla Figueiredo Marinho, que se propõe a deslindar o diálogo dos textos de Lindanor Celina a partir do “diálogo entre Antropologia, Literatura e História”, pois, segundo a própria estudiosa, não há como se entender o texto literário tão somente “como um documento social, mas sim como uma forma de representação textual da sociedade, o que me possibilita formular hipóteses sobre o imaginário bragantino”, imaginário que Marinho investiga a partir do romance *Menina*

que vem de Itaiara, que para alguns é o que de melhor foi escrito por Celina.

Da autoria de Márcia Daniele, o estudo subsequente “investe suas fichas” na leitura de *Pranto por Dalcídio – memórias* (1983), livro que na época de seu lançamento recebeu saudações de Abguar Bastos (conforme se verá aqui) e Paes Loureiro, mas que, de certo modo e relativamente, ofuscou-se diante da força expressiva dos romances da autora de *Breve Sempre*. Durante o estudo, a professora, que cursa mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará e integra o CUMA, Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas; neste estudo são levadas em conta aspectos talvez mais caros de Lindanor, as temáticas do tempo/ espaço e a memória. Um texto elucidativo, que merece leitura atenta.

O que se segue é texto primordial, uma pequena (nem tão pequena assim) joia, e marcada pelo forte ineditismo de um professor de literatura e de teatro, José Denis Bezerra. Ele objetiva presentear os leitores da *Sentidos da Cultura* com uma Lindanor Celina que militou efusivamente no teatro paraense, através da Escola de Teatro da UFPA. Denis comprova, com fartura documental e fotográfica, que enriquece o acervo desta publicação, que Lindanor estabeleceu, em sua trajetória artística, capítulo especial em suas ousadias, um “importante encontro com a produção teatral paraense, por meio de sua produção crítica e artística”. Trata-se, portanto, de um texto revelador e de suma importância sobre as

memórias de Lindanor e sobre o teatro no Norte do Brasil.

O próximo artigo, retirado de uma dissertação de mestrado escrita por sua autora, Maria das Neves Penha. Ele trata das relações limiáres entre autobiografia, vida e ficção no romance *Menina que vem de Itaiara* (1963). A professora ensaísta lança mão, dentre outros, de Antonio Candido, Michel Foucault e Luiz Costa Lima, com a finalidade de discutir algumas estratégias de escrita de que lança mão Lindanor Celina em seu romance inicial, fortemente influenciado por Dalcídio Jurandir, em seu projeto de romance-rio, que traz à luz a menina de Itaiara.

O artigo de Joel Cardoso e Larissa Fontinele de Alencar percorre a trilogia de Irene, na busca de constituir a imaginária Itaiara a partir dos traços da cidade de Bragança. Os autores analisam as etapas do desenvolvimento de Irene, o contexto bragantino, a religiosidade, as transgressões, entre outros aspectos da vida de Lindanor-Irene. Em “Meu medo é que sigas sempre desse jeito, atraindo abismos”, comparam as três obras a movimentos musicais, conforme explicam: o *alegro* representa a infância/*Menina que vem de Itaiara*), o *adagio cantabile*, a adolescência/ *Estradas do Tempo-Foi*, e o terceiro movimento – *vivace* –, a maturidade / *Eram seis assinalados*.

Fernando Farias, dalcidiano de boa cepa, usa da resenha de Pranto por Dalcídio Jurandir (ele novamente) com pretexto para deslindar o modo como Lindanor Celina vê seu ídolo e referência: Dalcídio Jurandir, o mestre

que a influenciará inclusivamente na formatação do romance-rio “fêmino” que Celina construirá, a partir de *Menina que vem de Itaiara*. Assim é que lemos: “...nessa obra de Lindanor Celina, iniciada em fevereiro de 1980, sobressai a figura de um Dalcídio Jurandir acostumado a lutar não com o amigo, adversário naquela circunstância, mas com a palavra, um *lutador* que, na altura dos anos 50-60 já era considerado um dos maiores escritores brasileiros, o grande vencedor de prêmios, a lenda, o mito. O inacessível. Dalcídio Jurandir estava para mim mais alto que uma estrela. Exatamente uma estrela [...]. O maior romancista do Brasil...”. Um texto imperdível, o leitor verá.

Como aponta o próprio título, o próximo texto configura uma crônica que homenageia a cronista, num de seus livros, salvo engano, menos percebido pela crítica, o *Diário da Ilha*. Esta coletânea serve, no entanto, de pretexto para seu autor, Paulo Nunes, professor, e amigo da homenageada, recordar (*re-cordis*: de volta ao coração) e rememorar (lembrança coletivizada) alguns momentos de encontro com Lindanor. A ideia que salta aos olhos, no entanto, é a de “escritora extraviada”, o que dá a medida do modo como a autora de *Breve-Sempre* foi, de certo modo, incompreendida pelos de sua cidade.

Júlia Maués, professora e pesquisadora do IFPA, tratará do livro mais celebrado nesta revista o *Pranto por Dalcídio Jurandir*; investigando-lhe as formas híbridas de elaboração da escrita literária lindanoriana, a ensaísta chega à conclusão de que um novo

território vem sendo “percorrido pela literatura em que se desfazem todos os rígidos limites das amarras dos gêneros literários territorializados como ‘memorialismo’, ‘ficção’, ‘autobiografia’, ‘diário’, ‘poesia’, porque a escritura se apropria do tempo como um *continuum*, uma nova *littera*: em que se tenta recuperar, sem êxito completo, pelo movimento da escrita, a forma total de um acontecimento vivido”. Um estudo imperdível, sem dúvida.

Enfim, feita a celebração, no estilo skyriano, à moda das celebrações gregas em que os pratos são quebrados ao chão como manifestação de alegria, encerramos nossa viagem pelas sendas de Lindanor Celina, e isto remete ao poema que ora se segue, que um poeta deixou grafado numa estação da Estrada de Ferro Belém Bragança, rediviva, de algum modo, nestas páginas:

Irene, travessa e travestida de “paz”,  
desembarcou com o pé esquerdo da  
Maria Fumaça.

Ganhou os paralelepípedos da estação  
de São Braz,  
observada pela mãe,  
a menina ajeitou a fita nos cabelos  
quase esvoaçantes e empinou o queixo.

Um velho que varria o chão e tudo  
observava

aproximou-se, mirou-a e disse:  
- Garota, é urgente bordar Itaiara  
aos pés do estandarte de São Benedito.

Ela não entendera aquele diálogo azul  
Mas nunca o esqueceu:  
o tempo-sempre-foi o dirá.

Décadas depois,  
a mulher,

entre o avental e a máquina de  
datilografia

com que adiantava a faina da repartição,  
viu a campainha tocar.

- Chegou esta encomenda pra senhora.

Era uma caixa do malote.  
Sobre a mesa,  
O coração aos pulos,  
ela abriu-a

Folheou o livro  
e percebeu que tinha criado a  
grafoferromagia de um  
romance dissonante.

Desde então  
Celina virou viajante  
de seus próprios espantos.

Avoé, Lindanor Celina!, teus leitores te  
saúdam.

## DEDICATÓRIA

Este número da revista reconhece dois grandes estudiosos, que se dedicaram a ler, fruir e pesquisar da obra de Lindanor Celina, além de desfrutarem da amizade da escritora:

José Arthur Bogéa e Josse Fares